

GRAMÁTICA(S) *DEL* CONTATO ENTRE LÍNGUAS: COMO *HACER* PESQUISA *EN* PORTUNHOL?

Gramática(s) Del Contacto Entre Lenguas: ¿Cómo Hacer Investigación En Portuñol?

Valdilena RAMMÉ

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

valdilena.ramme@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-1794-3278>

RESUMO: Uma pesquisa descritiva do portunhol que pretenda ser construída sobre dados empíricos precisa levar em consideração questões metodológicas que vão além do desemaranhar de terminologias que colocam sob este guarda-chuva diferentes fenômenos linguísticos. Propõe-se, neste artigo, uma distinção simples: por um lado, temos um portunhol na fronteira do Uruguai que possui características de língua estabilizada. Por outro, temos diferentes fenômenos que podem ser unificados sob o conceito de interlíngua. Entende-se que, em todos esses contextos, falantes inicialmente monolíngues acionam suas gramáticas maternas e a gramática da interlíngua para se adaptar à necessidade de comunicação, amparados pela proximidade linguística e pela compreensão parcial da outra língua. Visando observar em que medida as gramáticas tão próximas do português e do espanhol favorecem a emergência da interlíngua, discute-se os desafios metodológicos de tal empreitada. Defende-se que, antes de proceder à descrição e análise do objeto de estudo, é preciso considerar a questão de como fazer a coleta e análise dos dados de portunhol como interlíngua, especialmente em contextos de intenso contato entre línguas. Assim, este texto levanta alguns dos principais desafios metodológicos que uma pesquisa sobre o portunhol precisaria suplantar e apresenta uma metodologia de pesquisa que poderia auxiliar nesta superação.

PALAVRAS-CHAVE: Portunhol; Interlíngua; Contato Entre Línguas; Metodologia de Pesquisa.

RESUMEN: Una investigación descriptiva del portuñol que pretenda construirse sobre datos empíricos debe tener en cuenta cuestiones metodológicas que van más allá del desentrañamiento de terminologías que sitúan diferentes fenómenos lingüísticos bajo un mismo paraguas. En este artículo se propone una distinción simple: por un lado, existe un portuñol en la frontera uruguaya que tiene las características de una lengua estabilizada. Por otro lado, existen diferentes fenómenos que pueden unificarse bajo el concepto de interlengua. Se entiende que, en

todos estos contextos, los hablantes inicialmente monolingües activan sus gramáticas nativas y la gramática de la interlengua para adaptarse a la necesidad de comunicación, apoyados por la proximidad lingüística y la comprensión parcial de la lengua meta. Para observar en qué medida gramáticas similares a la del portugués y el español favorecen el surgimiento de una interlengua, discutimos los desafíos metodológicos de tal esfuerzo. Se argumenta que, antes de proceder a la descripción y análisis del objeto de estudio, es necesario plantearse la cuestión de cómo recopilar y analizar los datos del portuñol como interlengua, especialmente en contextos de intenso contacto entre lenguas. Este artículo plantea algunos de los principales desafíos metodológicos que debería superar una investigación sobre el portuñol y presenta una metodología de investigación que podría ayudar a superarlos.

PALABRAS CLAVE: Portuñol; Interlengua; Contacto Entre Lenguas; Metodología de Investigación.

Por que é tan difícil hacer investigación descriptiva sobre el portuñhol? Esta é a pergunta que guia a discussão deste artigo. Como moradora da fronteira e falante “fluente”¹ de portunhol, elaboro o presente debate a partir da experiência inicial (e, por que não dizer, desafiadora) de uma pesquisa que se propõe a descrever o portunhol falado na Tríplice Fronteira, a famosa região que conecta o Brasil, o Paraguai e a Argentina através das três conhecidas cidades de Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú, célebres tanto por questões comerciais, quanto por suas deslumbrantes belezas naturais.

Em resumo, o projeto de pesquisa que dá origem a esta discussão visa descrever os aspectos gramaticais envolvidos nas comunicações multilíngues em contexto de contato entre as línguas portuguesa e espanhola faladas na região. Espera-se que esta descrição elucidie quais são os conhecimentos gramaticais do português e do espanhol de que os(as) falantes se servem quando usam esta interlíngua tão frequente quanto espontânea definida como portunhol, além de apurar quais conhecimentos podem ser atribuídos à interlíngua em si.

Note-se que estamos usando o termo “interlíngua” para definirmos o portunhol falado na fronteira trinacional, em oposição à “língua”, “*pidgin*” ou “dialeto”, no sentido proposto por Selinker (1972). Esta decisão foi tomada após longa reflexão sobre as características sociolinguísticas e formais deste portunhol fronteiriço. Seguimos, inicialmente, a argumentação de Elizaincín e Behares (1981) que, após ampla observação dos dialetos portugueses do Uruguai, também conhecidos como “portunhol”, descrevem os falares daquela região de fronteira como uma interlíngua ou dialeto, divergindo, assim, de autores como Eliana Sturza (2019), que, mais recentemente, em uma perspectiva sociolinguística, sugerem que o português ou portunhol uruguaio deva ser considerado uma língua.

Para Elizaincín e Behares, porém, se considerarmos as propriedades propostas por Weinreich (1967 *apud* ELIZAINCÍN; BEHARES, 1981, p. 403), para o reconhecimento de novas línguas surgidas a partir de situações de contato, o portunhol uruguaio não pode ser classificado como uma língua estabilizada, pois não possui nenhum dos atributos listados por Weinreich para o reconhecimento de uma língua:

1 Uso “fluente”, entre aspas, porque não se trata aqui de uma avaliação de proficiência em língua adicional ou estrangeira, mas simplesmente da constatação da frequência com que, circulando na Tríplice Fronteira, podemos nos encontrar na posição de inventar uma língua entre o português e o espanhol para nos comunicarmos com nossos vizinhos latino-americanos.

2 Língua híbrida que surge com propósito comunicativo nas comunidades em que falantes com diferentes línguas maternas e nenhuma língua em comum convivem. Para uma compreensão mais aprofundada, ver Lipski (1997).

- a) Grau de diferenciação evidente no que diz respeito às línguas de origem;
- b) Estabilidade formal alcançada após um período inicial de flutuação e instabilidade;
- e) Ampliação das funções (para além das do vernáculo quotidiano);
- d) Atitudes dos falantes quanto à identidade ou diferença do dialeto em relação às línguas que lhe deram origem. (ELIZAINCÍN; BEHARES, 1981, p. 403)³

Evidentemente, esta afirmação parece contrariar um julgamento mais ou menos amplamente aceito na literatura recente sobre o portunhol do Uruguai. É importante destacar, portanto, que há, pelo menos, três posições em relação à categorização da língua falada na fronteira do Brasil-Uruguai. Além dessa posição defendida por Elaizincín e Behares, Hensey (1969) e Rona (1963), entre outros, há outras pesquisas sociolinguísticas (STURZA, 2005, 2020; DE ALMEIDA, 2016; MOZILLO, 2013; entre outras) que defendem o *status* de língua para o portunhol/*fronterizo*, tendo como argumento principal o atributo d) citado acima, ou seja, o fato de que quem vive naquela fronteira reconhece o portunhol como sua língua materna, em oposição ao português e ao espanhol.

Para essas autoras, o *fronterizo* seria, assim, um exemplo do surgimento de uma língua crioula a partir de um *pidgin* (LIPSKI, 1997) que tem seu eventual reconhecimento como a língua materna de uma comunidade. Ou seja, para além de uma língua de comunicação, pesquisas sociolinguísticas têm afirmado que, no Uruguai e na fronteira Brasil-Uruguai, especialmente, o portunhol já estaria se consolidando como uma língua estabilizada.

Ao mesmo tempo, autoras como Ana Maria Carvalho (2003) e Cíntia da Silva Pacheco (2017) propõem que existe uma confusão comum entre o que deveria se chamar portunhol, definido por Pacheco (2017, p. 21) como “uma tentativa de monolíngues se comunicarem, especialmente em situações comerciais na fronteira” e o português de fronteira. Para as autoras, as línguas faladas no norte do Uruguai e na fronteira com o Brasil são o espanhol uruguaio e o que elas chamam de “português uruguaio”, uma variedade de português com características rurais, que o aproxima do português falado no interior do Rio Grande do Sul, permeado por “fenômenos prototípicos de situações de bilinguismo, como empréstimo lexical, *code-switching* e escolha de línguas” (PACHECO, 2017, p. 25).

3 “a) Grado de diferenciación evidente con respecto a las lenguas de origen; b) Estabilidad formal lograda después de un período inicial de fluctuación e inestabilidad; e) Ampliación de las funciones (más allá de las de vernacular cotidiano); d) Actitudes de los hablantes con respecto a la identidad o diferencia del dialecto con relación a las lenguas que le dieron origen.” - Tradução da autora.

Note-se que as divergências acima decorrem, primeiramente, do fato de usarmos o mesmo termo, portunhol, para nos referirmos a fenômenos distintos. Elizaincín e Behares usam o termo para classificar uma língua *pidgin* altamente variável em uma região em que falantes de português e espanhol convivem em contato intenso (leve-se em conta, ainda, que a referida pesquisa abrangeu diferentes cidades e que variação dialetal de uma cidade para outra é algo comum mesmo em línguas estabelecidas como o português). Eliana Sturza e outros pesquisadores que defendem o portunhol como língua estabilizada, por sua vez, consideram para tal a identificação dos falantes de certas cidades da fronteira com esta língua, assim como suas atitudes negativas ou positivas em relação a ela. Já Ana Maria Carvalho e Cíntia Pacheco destacam que essas atitudes se devem a uma imagem da língua de fronteira veiculada na mídia, associada a uma consciência dos falantes da fronteira e do norte do Uruguai de que não falam o português padrão.

Some-se a tudo isso o fato de usarmos o termo portunhol na área do ensino de línguas, para explicar a interlíngua que aprendizes de português e espanhol desenvolvem em seus percursos de aprendizagem e que carrega características tanto da língua materna, como da língua alvo. Finalmente, há ainda a associação do termo portunhol a um exercício estético e político a que alguns autores e artistas se lançam na área da literatura e da música nas regiões de fronteira entre o Brasil e países hispano-falantes, conhecido como portunhol selvagem⁴ (LOPES, 2010; ALBUQUERQUE, 2014).

O posicionamento que adotamos na presente pesquisa, desse modo, considera que todas as pesquisas resenhadas acima parecem estar corretas nas suas avaliações. Podemos estar, de fato, diante de fenômenos tão distintos quanto uma língua crioula, uma língua *pidgin* e uma variedade do português com alguma influência do espanhol. Além de termos materializações do portunhol nas aulas de Português como Língua Estrangeira (doravante PLE) e Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) e nos exercícios estéticos do portunhol selvagem. O que nos interessa, então, é primeiramente examinar o que pode ser comum a todos esses contextos e o que de fato os diferencia.

Destaque-se ainda que, embora o campo de estudos sobre o portunhol como língua de fronteira ou interlíngua no processo de aprendizagem de PLE/ELE seja bastante produtivo (STURZA, 2004, 2005, 2019, 2020; JARDIM ALVAREZ, 2009; FUSTES, 2010; CARVALHO, 2003; DE ALMEIDA, 2016; PACHECO, 2017; entre muitos outros), Eliana Sturza, em seu artigo de 2020 (p. 110), adverte que, até o momento, não

4 Considerando o propósito deste artigo, não teremos espaço para descrever com a devida profundidade o portunhol selvagem. Sugerimos ao/à leitor/a interessado/a, os trabalhos de Lopes (2010) e Albuquerque (2014).

há suficientes estudos empíricos e descritivos do portunhol como língua de fronteira(s) que permitam verificar de forma sistemática as hipóteses levantadas nas pesquisas em sociolinguística ou em didática de línguas.

Portanto, para iniciarmos uma pesquisa descritiva do portunhol ou portunhóis, que seja construída sobre dados empíricos, entendemos que é necessário ir além do exercício de desembaraçar estes nós terminológicos criados a muitas mãos. Ou seja, independentemente das divergências do ponto de vista da definição de portunhol ou das diferenças concretas entre os diferentes fenômenos que colocamos sob este guarda-chuva, o que aqui consideramos especialmente interessante é nos perguntar sobre o que há de comum em todos esses contextos e o que essas características comuns entre tantos portunhóis podem nos dizer sobre a interlíngua em geral.

Assim, talvez a tarefa mais desafiadora seja a de estabelecer e delinear um método de coleta de dados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009) e análise dessas (inter)línguas, para que, a despeito de suas diferenças de *status* social ou político, consigamos vislumbrar uma gramática do contato linguístico, e especialmente do contato entre línguas próximas. Ao final deste texto, será exposta o que poderia ser uma metodologia inicial adequada para a pesquisa sobre interlínguas de fronteira e, no nosso caso, sobre o portunhol. Para chegarmos a esta proposta, revisaremos o que percebemos como alguns problemas metodológicos e terminológicos de pesquisas anteriores. Como já vimos, entre os problemas metodológicos que alguns trabalhos apresentam está a falha em definir de forma clara e precisa seu objeto de estudo e a tentativa de explicar muitos fenômenos distintos a partir de uma mesma lupa teórica.

Por outro lado, a pesquisa empírica coloca seus próprios desafios para a coleta e tratamento dos dados. Por exemplo, ao realizarmos pesquisas formais ou variacionistas sobre línguas estabilizadas como o português e o espanhol, sempre é possível contar com a intuição de falantes nativos para a verificação de aceitabilidade de uma determinada forma e uso. No caso das interlínguas, tendo em vista que não são línguas maternas e considerando seu possível alto grau de idioleto, de saída já não contamos com essa que é talvez a ferramenta mais confiável de linguistas, sua intuição.

Para explorar este e outros problemas, iniciaremos retomando brevemente a questão terminológica na próxima seção, para propor uma classificação que talvez possa iluminar as escolhas e definições dos possíveis objetos de estudo. Na seção seguinte, então, são debatidos os principais desafios metodológicos que a presente pesquisa tem enfrentado, para então, na última seção, serem propostas algumas ferramentas metodológicas que talvez permitam um estudo mais sistemático e abrangente dos diferentes fatos que chamamos de portunhol.

PORTUNHOL, QUE LÍNGUA É ESSA?

Iniciemos com o trabalho de Elizaincín e Behares (1981). Como já mencionado, esses autores apontam para a existência de um portunhol caótico e altamente variável no norte do Uruguai. A título de exemplo, quando analisam o emprego de preposições no *corpus* levantado a partir de entrevistas orais com habitantes de diferentes cidades da região, Elizaincín e Behares assinalam que “[é] também muito variada a realização das construções a) prep + art + subst; b) art + subst e c) pr. possessivo + subst.”⁵ (ELIZAINCÍN; BEHARES, 1981, p. 407)⁶. Para ilustrar, abaixo estão reproduzidos alguns dos exemplos apresentados pelos autores (ELIZAINCÍN; BEHARES, 1981, p. 407, grifo original):

- (1) ele caiú dentro DUMA cachimba
- (2) Travaia EN UN taller
- (3) mora aí POR u barriu Artigas
- (4) Eu nací NA Pedreia

À primeira vista se poderia dizer, realmente, que o emprego de preposições no portunhol aparenta ser desordenada. Um olhar mais cauteloso, porém, pode nos indicar que, independentemente de variações fonológicas que não podemos prever a partir das transcrições acima, somente as sentenças em (2) e (3) seriam casos de portunhol, embora não no nível da preposição. É possível cogitar, por exemplo, que, na sentença em (1), temos um exemplo de português não padrão com um empréstimo lexical, “cachimba”; a sentença (2), por outro lado, parece ser uma construção em espanhol com a pronúncia do verbo “trabajar” em portunhol, *i.e.*, influenciada pelo português; já o exemplo (3) parece ilustrar um caso comum de uso da preposição “por” para indicar uma região (tanto em variedades do espanhol, quanto em português), sendo o uso “por o”, sim, um caso típico de portunhol observado em classes de PLE; finalmente, a sentença (4) parece ser uma construção totalmente em português.

É preciso ressaltar que fazer esta revisão é importante não para invalidar ou criticar tão importantes pesquisas anteriores, mas somente para refinarmos o que estamos chamando de portunhol. Do ponto de vista descritivo, portanto, as pesquisas de Elizaincín

5 a) preposição + artigo; b) artigo + substantivo; c) pronome possessivo + substantivo.

6 “[e]s también muy variada la realización de las construcciones a) prep + art + sust; b) art + sust y c) pr. posesivo + sust.” - Tradução da autora.

e Behares (1981), Hensey (1969) e Rona (1963) nos apontam para uma interlíngua amplamente volátil que apresenta características de *pidgin*. Por isso mesmo, por vezes, se aproxima da interlíngua observada em estudos de ensino-aprendizagem de PLE e ELE, e por vezes se aproxima de um contexto de mistura de códigos (*code-mixing*) ou alternância de códigos (*code-switching*) (MABULE, 2015) comuns em contextos de bilinguismo.

Uma questão que se coloca, então, diz respeito à necessidade, ou não, de se diferenciar o portunhol de casos de mistura ou alternância de códigos. Isto é, devemos incluir na nossa definição de portunhol situações como em (1) acima, em que toda a estrutura da sentença parece estar em português e apenas uma palavra parece vir do espanhol (ou vice-versa)? Parece-nos, pelo menos neste momento inicial, que a mistura de códigos, apesar de ser uma estratégia comunicativa de falantes bilíngues, também parece ser uma característica frequente da interlíngua e, no contexto de ensino-aprendizagem de PLE e ELE, tem amplo embasamento empírico. Portanto, conclui-se que, a princípio, não seria prudente relegar a mistura e alternância de códigos somente a situações de bilinguismo, como faz Pacheco (2017, p. 23). Claramente, não são fenômenos exclusivos da interlíngua, mas ainda não temos evidência suficiente para considerá-los como fenômenos à parte.

O que precisamos distinguir, contudo, tendo em vista a proximidade linguística e histórica das línguas envolvidas no portunhol, são situações típicas de intercompreensão (ESCUDE; JANIN, 2010) que se passam por portunhol. Ou seja, muito frequentemente, o que ocorre na fronteira é, na verdade, uma situação de comunicação multilíngue em que falantes de diferentes línguas se comunicam usando suas línguas maternas e se compreendem apesar disso, tendo em vista as amplas semelhanças que tais línguas compartilham. Um exemplo famoso desta confusão pode ser verificado ao se assistir à entrevista que o apresentador brasileiro de televisão Pedro Bial faz com o ator argentino Ricardo Darín: no título do vídeo, lê-se “Pedro Bial e Ricardo Darín batem papo em ‘portunhol’” (GLOBO Play, 2022). O que se constata, porém, ao assistirmos à entrevista, é que ambos falam em suas línguas maternas, de maneira cuidadosa e articulada, e se intercompreendem.

De fato, Eliana Sturza (2020) observa que

[e]nquanto uma prática linguística e comunicativa, a mistura [portunhol] é potencializada pela intercompreensão construída a partir da proximidade linguística entre as duas línguas. Além disso, a intercompreensão também se torna mais efetiva à medida que verificamos a existência de uma gama de identificações culturais, dada pelo nível de convivência entre os falantes de português e espanhol

e pelas práticas sociais nas quais o portunhol funciona de modo a responder às demandas de interação social requeridas no dia a dia. (STURZA, 2020, p. 99).

Por outro lado, a mesma autora aponta que “[s]eria necessário descrever e ampliar as pesquisas que venham a mapear [em] quais práticas sociais o portunhol funciona, mas também [em] quais ele não é efetivo para a comunicação entre falantes de português e de espanhol” (STURZA, 2020, p. 99). É preciso concordar que esclarecer esta relação entre a intercompreensão e o portunhol é determinante para a compreensão do que seria, de fato, portunhol, e do que seria estratégia de comunicação multilíngue apoiada sobre as semelhanças estruturais e lexicais das duas línguas envolvidas. Portanto, para esta pesquisa, torna-se central separar situações de intercompreensão em que cada falante esteja usando majoritariamente sua língua materna e, eventualmente, ensaiando alguma expressão na outra língua, de situações em que os falantes estão de fato fazendo um movimento em direção ao uso da outra língua.

Finalmente, é necessário ainda considerar as semelhanças entre o portunhol que surge voluntariamente em situações comunicativas multilíngues em regiões de fronteira e o portunhol que nasce em classes de língua estrangeira. Inicialmente, a hipótese que seguimos nesta pesquisa é a de que, em ambas as situações, temos o mesmo fenômeno de interlíngua. Seguimos, nesse sentido, a proposta de Selinker (1972, p. 211), de que interlíngua é uma “estrutura psicológica latente” paralela à Gramática Universal (doravante GU) (CHOMSKY, 1965) que se desenvolveria em adultos (pessoas maiores de 12 anos) bilíngues em situação de aprendizagem de uma outra língua. Vale destacar que Selinker se baseia, para esta proposta, na evidência de que “aprendizes bem-sucedidos” alcançam uma proficiência de falante nativo e parecem conhecer princípios gerais da língua alvo mesmo sem ter tido qualquer instrução formal sobre eles (SELINKER, 1972, p. 213), argumento este que se aproxima do que propostas gerativas têm postulado há décadas sobre a aquisição de língua materna.

Assim, esta estrutura psicológica latente somente se desenvolveria quando o falante fosse exposto a uma língua estrangeira e tentasse nela se comunicar, reunindo características da língua materna, da língua alvo e características próprias e exclusivas da interlíngua (que não são reconhecíveis em nenhuma das línguas envolvidas na comunicação, mas pertencem à GU da interlíngua). Isto é, a interlíngua seria uma “estrutura que permaneceria disponível no cérebro do indivíduo para desenvolver a L2⁷, ou seja, seria um dispositivo biológico,

7 Leia-se segunda língua (doravante L2).

parecido com a gramática universal de Chomsky, que ficaria ali apenas para a aquisição de língua estrangeira ou de uma gramática particular” (PACHECO, 2017, p. 14).

Embora Selinker parta de uma perspectiva de ensino (e aprendizagem), acreditamos que a situação de contato e os objetivos comunicativos dos diferentes contextos de portunhol que analisamos possam aproximar os fenômenos. O que unifica esta definição, neste trabalho, seriam os dados empíricos que tomamos como base para a análise (SELINKER, 1972, p. 210), como veremos na próxima seção. Além disso, desse e de trabalho posterior (LAKSHMANAN; SELINKER, 2001), depreende-se que pesquisas sobre interlíngua necessitam da investigação de contextos comunicativos mais amplos. Ou seja, seria possível incluir aí contextos de aprendizagem espontânea de uma língua estrangeira/adicional impelida pela necessidade de comunicação.

Importa dizer que, para Selinker, o estudo da interlíngua precisa se focar naqueles “eventos comportamentais que levariam a uma compreensão das estruturas e processos psicolinguísticos subjacentes à ‘tentativa de desempenho significativo’ em uma segunda língua”⁸. Já a definição de “tentativa de desempenho significativo” seria uma “situação em que um ‘adulto’ tenta expressar significados, que ele já pode ter, em uma linguagem em que ele está em processo de aprendizagem” (SELINKER, 1972, p. 210). Logo, o que deve nos interessar para o exame e melhor compreensão da interlíngua são os movimentos que fazemos na tentativa de nos comunicarmos em uma língua alvo, usando para isso conhecimentos da língua alvo, da própria língua materna e conhecimentos desta interlíngua universal.

Para falantes de portunhol na fronteira, este conhecimento da língua alvo não vem de um contexto formal de ensino, mas do contato cotidiano com aquela língua. Nesse sentido, vale destacar que Selinker (1972, p. 224, grifos do autor) ainda destaca que uma “‘aprendizagem bem-sucedida’ de uma segunda língua para a maioria dos aprendizes, envolve, em grande medida, a reorganização do material linguístico de uma interlíngua para se identificar com uma determinada língua alvo”⁹. Ora, nos parece que os falantes bilíngues da fronteira que se exprimem com sucesso e grande fluência em português e em espanhol parecem ter sido bem-sucedidos nesta tarefa de “reorganizar” o portunhol para que sua comunicação seja mais próxima da língua alvo.

8 “[B]ehavioral events which would lead to an understanding of the psycholinguistic structures and processes underlying ‘attempted meaningful performance’ in a second language” - Tradução nossa.

9 “[S]uccessful learning’ of a second language for most learners, involves, to a large extent, *the reorganization of linguistic material* from an IL to identify with a particular TL.” - Tradução da autora.

Finalmente, é importante mencionar que, para Selinker (1972, p. 217), aprendentes podem desenvolver sua interlíngua por meio de cinco processos psicológicos centrais para a aprendizagem de uma segunda língua: i) transferência linguística (da língua materna); ii) transferência de instrução (uso que resulta de processos treinamento formal na língua alvo); iii) estratégias (cognitivas) de aprendizagem da segunda língua; iv) estratégias de comunicação na segunda língua (observadas nas tentativas de comunicação com nativos); e v) supergeneralização do material linguístico da segunda língua.

Note-se que, talvez com exceção do ponto ii), todos esses processos podem ser observados tanto em situações de aprendizagem formal, como em situações de comunicação cotidiana. É fato que o objetivo dos falantes da fronteira pode não ser o de aprender a língua do outro, mas a necessidade de comunicação faz com que o movimento de decifração da língua alvo e a tentativa de usá-la para se exprimir envolvam os mesmos processos que aprendentes de espanhol e português em contextos formais desenvolveriam. Além disso, mesmo Selinker (1972, p. 228) considera que as “unidades relevantes para a identificação interlingual não vêm de qualquer lugar; elas estão latentes no cérebro em uma estrutura psicológica latente disponível para o indivíduo sempre que ele desejar tentar produzir a norma de qualquer língua-alvo.”¹⁰

Portanto, tomando como ponto de partida a noção de interlíngua exposta até aqui, acreditamos poder aglutinar diferentes definições e práticas do portunhol como língua não materna: uma língua de comunicação ou *pidgin* em alguns contextos de fronteira, em outros, interlíngua de aprendizagem de língua estrangeira (doravante LE) e, em outros ainda, língua adicional ou L2 de habitantes de fronteira¹¹. Temos observado que todos esses contextos reúnem características comuns que, se descritas e confrontadas, podem nos ajudar a iluminar o complexo fenômeno do contato linguístico e da interlíngua.

Até onde nos foi possível identificar neste momento, no caso da nossa fronteira trinacional, não encontramos situações em que o portunhol possa ser reconhecido como língua materna de uma comunidade. Nesta região, as línguas portuguesa e espanhola/castelhana mantêm uma certa independência e, contextos específicos de uso, tendem a “se misturar” somente em contextos comerciais, turísticos ou educacionais, como é o

10 “Relevant units of interlingual identifications do not come from anywhere; they are latent in the brain in a latent psychological structure available to an individual whenever he wishes to attempt to produce the norm of any TL.” - Tradução da autora.

11 Neste artigo, não será possível discutir com a devida profundidade as possíveis distinções entre todos esses conceitos. Contudo, para a discussão que estamos elaborando neste primeiro momento, essas diferenças não são cruciais e todos esses conceitos podem ser abarcados sob o termo “língua não materna”.

caso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, mas também das diversas escolas de educação básica de Foz do Iguaçu que recebem crianças falantes de espanhol língua materna.

Assim, nos propomos a analisar e descrever contrastivamente o portunhol em contexto de comunicação espontânea e em contexto de aprendizagem de LE entre si e em relação às variedades do português e espanhol faladas nesta região de fronteira por monolíngues. Vale mencionar, ainda, que são aparentemente inexistentes os trabalhos contrastivos entre esta variedade regional do português brasileiro e o portunhol, por um lado, e o portunhol e o espanhol latino-americano por outro. O que vemos, em geral, são trabalhos que analisam o portunhol exclusivamente como uma interlíngua em contextos de aprendizagem do português e do espanhol ou trabalhos de contraste entre o português e o espanhol nas suas variedades padrão, como é o caso das gramáticas contrastivas e comparativas (MASIP, 2003; CARVALHO; BAGNO, 2015; MORENO; FERNÁNDEZ, 2007; entre outros).

Levando em consideração tais reflexões, parte-se, então, da hipótese de que o portunhol da fronteira trinacional é um exemplo de interlíngua e, por isso, pode possuir características altamente variáveis e instáveis. Ainda assim, sua descrição pode iluminar questões há muito levantadas pela comunidade linguística sobre a natureza e característica da interlíngua (SELINKER, 1972) e também sobre a gramática de línguas supostamente mais estabilizadas como o portunhol do Uruguai.

Note-se que fazemos aqui, portanto, uma distinção simples: por um lado, podemos ter um portunhol na fronteira do Uruguai que possui características de língua crioula, já estabilizada. Por outro, temos diferentes fenômenos (dialetos, *pidgin*, interlíngua em contexto de LE etc.) que podem ser ligados ao conceito de interlíngua conforme proposto por Selinker. Em todos esses últimos contextos, encontramos falantes inicialmente monolíngues de português ou de espanhol e podemos observar como suas gramáticas maternas se adaptam à necessidade de comunicação, amparadas grandemente pela proximidade linguística e pela compreensão parcial da outra língua.

Nesta pesquisa, desse modo, nos interessamos em observar em que medida as gramáticas tão próximas do português e do espanhol favorecem a emergência dessa interlíngua. Note-se que só nos foi possível definir mais nitidamente este objetivo, porque tomamos o tempo de definir de forma minuciosa o que estamos chamando de portunhol. Contudo, tendo definido nosso objeto de estudo e estabelecido de forma nítida nosso objetivo de pesquisa, surge a questão de como fazer a coleta e análise dos dados de portunhol como interlíngua. Discutiremos os pormenores deste grande desafio na próxima seção.

UMA METODOLOGIA PARA O ESTUDO DO PORTUNHOL

Para Selinker (1972, p. 214), os dados relevantes para descrevermos as situações de “tentativa de desempenho significativo” em uma interlíngua seriam “1) enunciados na língua nativa do aluno produzidos pelo aprendiz; 2) enunciados na interlíngua produzidos pelo aprendiz; e 3) enunciados na língua alvo produzidos por falantes nativos dessa língua alvo”¹² (SELINKER, 1972, p. 214). Logo, não basta recolher exemplos de produções em portunhol de um determinado falante ou grupo de falantes, mas é preciso ter um amplo registro de suas produções para que o contraste acima seja feito de forma significativa. Devemos, portanto, enfrentar, pelo menos, seis desafios gerais que envolvem o tipo e tamanho das amostras, a forma de coleta, os possíveis obstáculos impostos pela análise e pela tarefa de quantificação e qualificação dos dados.

Um primeiro problema que enfrentamos, nesse sentido, diz respeito ao tipo e tamanho das amostras de usos do portunhol e das outras línguas da fronteira que precisamos ter para garantir uma prova significativa da interlíngua e de ambas as línguas em contato. Depreende-se daí, a complexidade que envolve a seleção dos(as) informantes, assim como a definição do tamanho da amostra que será registrada para cada falante.

A esse problema, soma-se a dificuldade em determinar quais são os períodos relevantes para a emergência da interlíngua (LAKSHMANAN; SELINKER, 2001, p. 399). Em pesquisas sobre aquisição da linguagem, tais momentos parecem já estar bem mapeados, porém, no caso da interlíngua, os *corpora* em geral somente dão conta de curtos períodos de tempo e não são suficientemente amplos para que hipóteses sobre o estabelecimento de determinada norma na interlíngua sejam postuladas. Logo, nos deparamos com a necessidade de realizar pesquisas longitudinais e com as dificuldades que tais pesquisas nos impõem.

Além disso, nos casos de registros de falas espontâneas, as pesquisas prescindem de um grupo de controle, isto é, os dados de pesquisa em interlíngua raramente são contrastados de forma sistemática com dados de uso real da língua por pessoas nativas da região em que o aprendente se encontra (LAKSHMANAN; SELINKER, 2001, p. 399). Logo, enfrenta-se outro desafio: como estabelecer de forma clara e inequívoca que um determinado dado interlinguístico é, de fato, um exemplo de interlíngua e não um caso de variação da língua falada naquela região em relação à norma padrão?

12 “1) utterances in the learner’s native language produced by the learner; 2) IL utterances produced by the learner; e 3) TL utterances produced by native speakers of that TL.” - Tradução da autora.

Nesse âmbito ainda, Elizaincín (2004) expõe outro obstáculo para o trabalho sobre o portunhol especificamente: tendo em vista que a língua portuguesa e espanhol compartilham uma longa história de contato, além de sua origem comum, é preciso um cuidado redobrado para não se definir como portunhol o que poderia ser somente um caso de variação ou uso arcaico do português e do espanhol que aproximem uma variedade de uma língua da outra.

Da mesma forma, tanto empréstimos, como calques morfossintáticos e semânticos são verificados em contextos de contato intenso e prolongado entre línguas (situação de países bilíngues como o Paraguai, mas também de regiões de fronteira). Logo, é preciso tomar muito cuidado ao classificar uma certa estrutura ou uso como um calque ou empréstimo, sem antes fazer uma ampla e profunda investigação, tanto sincrônica quanto diacrônica, das variedades de portunhol e espanhol faladas na região. Como Pacheco bem lembra, “é uma prática comum, apesar de equivocada, confundir variantes não padrão com variantes de contato” (PACHECO, 2017, p. 23).

Finalmente superados os obstáculos do registro e criação dos *corpora* de portunhol, português e espanhol falados na região de fronteira, devemos enfrentar então o desafio de realizar a transcrição dos dados recolhidos. Para a transcrição de dados de fala das distintas variedades do espanhol e do português, podemos seguir o que diferentes áreas têm estabelecido como diretrizes para esta tarefa¹³ (AZEVEDO *et al.*, 2017; GONÇALVES; TENANI, 2008; GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Contudo, o problema ganha complexidade quando se discute quais seriam as regras de transcrição para palavras e frases em portunhol. Para variedades de uma mesma língua, um *corpus* com a transcrição ortográfica tem a vantagem de facilitar a busca de termos através de diferentes programas e aplicativos (como é o caso do Projeto da Norma Urbana Oral Culta, conhecido como Projeto NURC).

Tendo em vista que o portunhol não tem uma norma ortográfica, porém, torna-se impraticável seguir a norma de uma ou outra língua, e cada decisão deve ser tomada analisando-se caso a caso. Por exemplo, se ouvimos a palavra “facer” (pronunciado [faser]) sendo produzida por uma hispano-falante, temos um simples caso de português pronunciado com sotaque. Por outro lado, a mesma palavra sendo emitida por uma falante de português brasileiro deve ser classificada como portunhol, pois é um claro exemplo de uma tentativa de uso do verbo “*hacer*” que acabou se mesclando com o verbo “*fazer*”.

Por fim, depois de resolvido o problema da criação de normas para uma transcrição clara e fidedigna do portunhol, precisamos enfrentar o desafio da pesquisa de *corpus* e da

13 As ponderações compartilhadas aqui somente levam em conta uma pesquisa que descreveria os níveis morfossintático e semântico. Obviamente, uma pesquisa de nível fonológico precisaria encarar diferentes desafios de ordem tão ou mais complexa para a transcrição.

pesquisa quantitativa. Na área da linguística de *corpus*, normalmente faz-se a distinção entre o que seria uma pesquisa baseada em um *corpus* (amostra linguística) e uma pesquisa linguística de *corpus* propriamente dita, que se organiza a partir de um *corpus*, mas também obedece a normas e princípios da linguística computacional (ALUÍSIO; DE BARCELLOS ALMEIDA, 2006).

No caso em questão, trata-se de uma pesquisa baseada em um *corpus*, amostra linguística, de portunhol. Porém, os problemas de busca e quantificação dos dados de portunhol poderiam ser igualmente problemáticos para a linguística de *corpus*. Isto é, até onde foi possível levantar, não há pesquisas que trabalhem sobre *corpora* de interlíngua. Portanto, acreditamos que os problemas que descrevemos a seguir seriam igualmente desafiadores para esta área.

No que concerne ao *corpus* do portunhol, enfrentamos a aparente impossibilidade de se realizar uma pesquisa quantitativa sobre esta interlíngua. O primeiro problema, como já apontado por Pacheco (2017, p. 21), seria definir critérios claros de busca e quantificação que não colocassem numa mesma esfera exemplos que poderiam ser tanto interlíngua, quanto exemplo de produção desviantes de uma das línguas, portuguesa ou espanhola, como o caso do verbo “*facer*” acima.

Mesmo em pesquisas que se voltem para dados escritos do portunhol, tal desafio está posto. Vale observar que, nos espaços virtuais públicos de comunicação da UNILA, considerando sua condição de universidade bilíngue, não é difícil encontrar exemplos de comunicação multilíngue, ainda assim, é só após um trabalho lento e minucioso que podemos definir se determinados usos são de fato portunhol ou não. Além disso, é praticamente impossível prever a forma que tomarão as palavras e expressões do português ou espanhol na interlíngua, logo, buscas dirigidas são praticamente impossíveis.

Como bem aponta Matesanz del Barrio (2019, p. 83),

[os] textos multilíngues espontâneos que registram interações de intercompreensão em duas ou mais línguas são difíceis de detectar. Em primeiro lugar, porque não são apresentados como tal e os motores de busca não permitem pesquisas combinadas de idiomas, pelo que, a priori, é difícil saber quais os idiomas que irão aparecer nos textos, exceto aquele determinado no motor de pesquisa. Sua localização é complicada porque a produção dominante na Internet é claramente monolíngue e há relativamente poucos textos multilíngues na rede. (MATESANZ DEL BARRIO, 2019, p. 83)¹⁴

14 “[l]os textos espontâneos multilingües que registran interacciones de intercomprensión en dos o más lenguas son difíciles de detectar. En primer lugar, porque no se presentan como tales y los buscadores no permiten búsquedas combinadas de lenguas por lo que, a priori, es difícil saber
Revista X, v. 18, n. 01, p. 223-244, 2023. 237

Da mesma forma, buscadores comumente usados para a pesquisa com *corpora* linguísticos são essencialmente monolíngues. Desse modo, a quantificação para necessárias análises de frequência de uso de uma determinada forma no portunhol precisa ser realizada, até o momento, em uma busca manual de exemplo em exemplo.

ALGUMAS PROPUESTAS E CONSIDERACIONES FINAIS

Como mencionado no início, a discussão apresentada neste artigo insere-se em uma pesquisa que tem o objetivo de colaborar para uma melhor compreensão da gramática do portunhol empregado nas comunicações cotidianas das fronteiras brasileiras. Consequentemente, pretende-se descrever da forma mais precisa possível a competência gramatical conhecida como interlíngua (LAKSHMANAN; SELINKER, 2019) que surge no portunhol a partir do contato cotidiano do espanhol e do português.

Como vimos, há pelo menos seis grandes desafios que precisam ser superados para a realização desta tarefa, nomeadamente, 1) a criação de um *corpus* amplo e variado de português, espanhol e portunhol; 2) a extensão das amostras de fala de um mesmo informante ao longo do tempo; 3) a definição de grupos de controle para o trabalho contrastivo; 4) a definição clara do que pode ser ou não considerado como portunhol; 5) uma norma para a transcrição das falas em portunhol; e 6) a análise quantitativa sobre os *corpora*. A seguir, expõe-se uma metodologia que, acreditamos, possa driblar tais dificuldades.

Inicialmente, é preciso que a pesquisa seja realizada a partir de amostras coletadas em entrevistas de orientação sociolinguística realizadas com falantes de diferentes gêneros, faixas etárias e graus de instrução, moradores da fronteira. A amostra de informantes precisa ser delineada para incluir tanto falantes bilíngues, como monolíngues e a entrevista deve ser realizada, de preferência, por um entrevistador bilíngue, ou por dois entrevistadores que falem, cada um, o português e o espanhol como língua materna. Esta decisão pretende diminuir os possíveis casos de interferência da interlíngua falada pelo entrevistador na língua falada pelos entrevistados. Além disso, as entrevistas devem ser realizadas, preferencialmente, metade em cada língua, ou seja, parte em português, parte em espanhol, de forma a não misturar as duas línguas propositalmente.

qué lenguas van a aparecer en los textos, salvo la determinada en el buscador. Su localización es complicada porque la producción dominante en internet es claramente monolingüe y son pocos, relativamente, los textos multilingües en la red.”- Tradução da autora.

Ainda, é importante que se realizem novas entrevistas com os mesmos informantes ao longo dos anos, em intervalos de seis meses ou um ano, para se ter uma imagem clara da evolução ou estagnação da interlíngua. Paralelamente, seria interessante que pesquisas longitudinais com crianças em fase de aquisição e nascidas em famílias originárias da região também fossem realizadas. A amostra do grupo de crianças deveria espelhar o grupo de adultos no que concerne ao perfil linguístico (considerando-se as línguas faladas por este grupo e as línguas com que o grupo tem contato).

As entrevistas com falantes monolíngues, tanto crianças como adultos, servirão como grupo de controle para o trabalho de contraste entre o portunhol e variedades não padrão possivelmente faladas na região. Além disso, os falantes bilíngues constituiriam um outro grupo de controle que poderia ajudar na separação de fenômenos de *code-switching* e *code-mixing*, ligados ao bilinguismo, daqueles típicos do portunhol.

No que diz respeito à criação do *corpus* em portunhol, faz-se necessário um trabalho em equipe, para que a classificação dos dados e revisão seja posta à prova por falantes nativos e não nativos, bilíngues e monolíngues, incluindo de preferência, professores hispano-falantes de PLE e professores brasileiros de ELE, tendo em vista seu possível alto grau de conhecimento descritivo da outra língua. Nesse âmbito, também se sugere a importância de uma abordagem tipológica (TALMY, 2000), translinguística e contrastiva, como as propostas da Nanossintaxe (STARKE, 2010) e da Cartografia (CINQUE, 2006). A abordagem translinguística contrastiva permitirá iluminar igualmente a descrição minuciosa das línguas faladas na região, não só do portunhol.

Em relação aos pontos 5) e 6), ou seja, à elaboração de uma norma para a transcrição das falas em portunhol e à análise quantitativa sobre os *corpora*, a saída metodológica envolve o trabalho em grupo e a constante realização de revisão e provas das descrições e análises realizadas entre os pares. Considerando estes e todos os outros pontos descritos acima, conclui-se que, para realizar uma investigação sobre o portunhol, torna-se imperativa a formação de uma equipe multilíngue de pesquisadores, incluindo pesquisadores bilíngues e monolíngues, falantes de diferentes variedades do espanhol e do português, abarcando aquelas da fronteira, para que os dados sejam contrastados e isolados de qualquer possibilidade de confusão entre variedade não padrão e língua de contato ou interlíngua. Como Usha Lakshmanan e Larry Selinker (2001, p. 415) já sugeriram: “a única abordagem segura [para a interlíngua] é a abordagem em equipe”¹⁵.

15 “[T]he only safe approach [to interlanguage] is a team approach.” - Tradução da autora.
Revista X, v. 18, n. 01, p. 223-244, 2023.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar. As fronteiras do Portunhol selvagem. **Revista TB**, n. 196, 2014, p. 89-108.

ALUÍSIO, Sandra Maria; DE BARCELLOS ALMEIDA, Gladis Maria. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. **Calidoscópico**, 4 (3), 2006, p. 156-178. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6002>. Acesso em: 17 out. 2022.

AZEVEDO, Vanessa et al. Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 14, 2017, p. 159-168. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3882/388255675017/388255675017.pdf>. Acesso em: 317 out. 2022. <https://doi.org/10.12707/RIV17018>.

CARVALHO, Ana Maria. Rumo a uma definição do português uruguaio. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, 1(2), 2003, p. 125-149. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41678174>. Acesso em: 17 out. 2022.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia; BAGNO, Marcos. **Gramática brasileira para hablantes de español**. São Paulo: Parábola, 2015.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CINQUE, Guglielmo. **Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures**. Vol. 4. New York: Oxford University Press on Demand, 2006.

DE ALMEIDA, Lara Oleques. O Uruguai lusófono: português ou portunhol? **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 16, n. 1, 2016, p. 173-190. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/9537/6110>. Acesso em: 17 out. 2022.

ELIZAINCÍN, Adolfo. Las fronteras del español con el portugués en América. **Revista Internacional de lingüística iberoamericana**, 2(2(4)), 2004, p. 105-118. <https://www.jstor.org/stable/41678055>. Acesso em: 17 out. 2022.

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis. Variabilidad morfosintáctica de los dialectos portugueses del Uruguay. **Boletín de filología**, v. 31, n. 1, 1981, p. 401-417.

ESCUDE, Pierre; JANIN, Pierre. **L'Intercompréhension, clé du plurilinguisme**. Paris: CLE international, 2010.

FUSTES, Juan Manuel. Lengua y sujeto en las investigaciones acerca de la frontera uruguaya con Brasil: apuntes sobre sus determinaciones teóricas. **Pro-Posições**, v. 21, n. 3, 2010, p. 67-81. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/YzfpXTDtLGQ5WGPMQx7N3Nq/?lang=es>. Acesso em: 17 out. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072010000300005>.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GLOBO Play. Pedro Bial e Ricardo Darín batem papo em ‘portunhol’. **Conversa com Bial**. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8618470/?s=0s>. Acesso em: 17 out. 2022.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; TENANI, Luciani Ester. Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista). **Gragoatá**, v. 13, n. 25, 2008, p. 165-183. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33148>. Acesso em: 17 out. 2022.

HENSEY, Fritz. O sociolinguismo da fronteira sul. **Letras de hoje**, v. 4, n. 1, 1969, p. 107-116.

JARDIM ALVAREZ, Isaphi Marlene. Falar Apaisanado: Uma Forma de Designar as Línguas na Fronteira. **Letrônica**, 4 (2), 2011, p. 104-120. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/9127>. Acesso em: 17 out. 2022.

LAKSHMANAN, Usha; SELINKER, Larry. Analysing interlanguage: how do we know what learners know? **Second Language Research**, v. 17, n. 4, 2001, p. 393-420.

LIPSKI, John M. **Las lenguas criollas (afro)ibéricas: estado de la cuestión**. Filadelfia: Universidad del Estado de Pensilvania, 1997. Disponível em: http://www.csub.edu/~tfernandez_ulloa/hle/lipski-lenguas%20criollas%20afroibericas.pdf. Acesso em: 17 out. 2022.

LOPES, Nádia Portela. Oralidade na Literatura: a representação do portunhol na poesia fronteiriça de Agustín R. Bisio. **Anagrama**, 4 (2), 2010, p. 01-17. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2010.35503> Acesso em: 15 jan. 2023.

MABULE, D. R. What is this? Is it code switching, code mixing or language alternating?. **Journal of Educational and Social Research**, v. 5, n. 1, 2015, p. 339-350. Disponível em: <https://www.richtmann.org/journal/index.php/jesr/article/view/5628>. Acesso em: 17 out. 2022. [10.5901/jesr.2015.v5n1p339](https://doi.org/10.5901/jesr.2015.v5n1p339).

MASIP, Vicente. **Gramática histórica portuguesa e espanhola: um estudo sintético e contrastivo**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2003.

MATESANZ DEL BARRIO, María. Conciencia lingüística en la construcción de discursos multilingües: la intercomprensión espontánea en portugués. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 81, n. 1, 2019, p. 75-96. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/3557>. Acesso em: 17 out. 2022. <https://doi.org/10.35362/rie8113557>

MORENO, Concha; FERNÁNDEZ, Gretel Maria Eres. **Gramática contrastiva del español para brasileños**. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 2007.

MOZZILLO, Isabella. Aspectos do português na fronteira Brasil-Uruguai. **PAPIA**, v. 2, n. 23, 2013, p. 187-199. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180410234913id_/http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/viewFile/2044/1914. Acesso em: 17 out. 2022.

PACHECO, Cíntia da Silva. Como definir o falar da fronteira Brasil-Uruguai?. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 11, n. 19, 2017, p. 9-26. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/16928>. Acesso em: 17 out. 2022.

RONA, José Pedro. La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay. **Veritas**, v. 8, n. 2, 1963, p. 201-221.

SELINKER, Larry. (1972) Interlanguage. **IRAL - International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, v. 10, n. 1-4, p. 209-232.

STARKE, Michal. Nanosyntax: a short primer to a new approach to language. **Nordlyd**, v. 36, n. 1, 2010, p. 01-16. Disponível em: <https://septentrio.uit.no/index.php/nordlyd/article/view/213>. Acesso em: 17 out. 2022. <https://doi.org/10.7557/12.213>

STURZA, Eliana Rosa. Fronteiras e práticas lingüísticas: um olhar sobre o português. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, 2(1(3)), 2004, p. 151-160. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41678205>. Acesso em: 17 out. 2022.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. **Ciência e Cultura**, 57(2), 2005, p. 47-50. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200021&lng=en&tlng=pt. Acesso em: 17 out. 2022.

STURZA, Eliana Rosa. ‘Portunhol’: língua, história e política. **Gragoatá**, 24(48), 2019, p. 95-116. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33621>. Acesso em: 17 out. 2022.

STURZA, Eliana Rosa. Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira.

Revista Iberoamericana de Educación, 81(1), 2020, p. 97-113. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/3568>. Acesso em: 17 out. 2022. <https://doi.org/10.35362/rie8113568>

TALMY, Leonard. **Toward a cognitive semantics**. Massachusetts: The MIT Press, 2000.

Recebido em: 18 out. 2022.

Aceito em: 18 jan. 2023.